

21) "Sejam servidos como Cristo em pessoa"

Na Regra, aquilo que permite viver em unidade a relação com Deus e as relações humanas, é a presença reconhecida do Senhor Jesus Cristo.

O início do capítulo 36, como vimos, o exprime de forma muito clara; repito: "deve tratar-se dos enfermos, antes de tudo e acima de tudo, de modo que se lhes sirva como ao Cristo em pessoa, pois Ele disse: 'Fui enfermo e visitastes-me' e 'Aquilo que fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes'." (36,1-3)

A imperiosidade do preceito: "não antepor absolutamente nada a Cristo", do capítulo 72, é aqui aplicado aos enfermos, com a mesma insistência sobre palavra "todos": *l'omnino* do capítulo 72, torna-se aqui *ante omnia et super omnia*.

Sabemos, além disso, que São Bento faz também explícita referência à parábola do Juízo final de Mateus 25, para fundamentar o acolhimento dos hóspedes. "Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o Cristo, pois Ele próprio irá dizer: 'Fui hóspede e me recebestes'." (53,1). É neste capítulo 53 que São Bento nos pede, entre outras coisas, de dar testemunho aos hóspedes, "toda a humanidade possível – *omnis ei exhibeatur humanitas*" (53,9).

Por trás desta última expressão, como não perceber na imaginação de Bento a imagem do bom Samaritano, que faz todo o possível para ser o próximo, hóspede e amigo do homem ferido pelos salteadores?

Então, que se trate do enfermo da comunidade ou dos hóspedes que se apresentam à porta, a fé que reconhece neles Cristo, é demonstrada pela humanidade que se testemunha a eles. A fé em Cristo Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, se reconhece pela humanidade, com a qual, acolhemos e cuidamos de nossos irmãos e irmãs humanos.

Porque, no fundo, trata-se todas as vezes e em todos estes casos, de acolher e cuidar; o que significa acolher verdadeiramente, concretamente; o que significa acolher o outro por aquilo que é, no estado em que se encontra, na necessidade que expressa ou encarna. Na lógica do amor, o outro, o próximo, vem definido por sua necessidade, por sua angústia, por sua fraqueza, não tanto como culpa, como situação negativa de sua pessoa, mas enquanto pergunta que interroga a minha responsabilidade e meu amor.

Vivendo na pobreza em nosso meio, sofrendo o abandono e a Paixão até a morte em uma Cruz, Jesus colocou-se, definitivamente, na fraqueza e necessidade humanas, e é daí que Ele chama e provoca, cada um de nós, ao amor.

Citando Mateus 25 para ilustrar a situação de enfermidade dos irmãos, assim como aquela de um estranho, que pede para ser acolhido no mosteiro, São Bento nos faz entender que, ambos os casos, entra em jogo um mesmo mistério. Toda vez, trata-se de abrir-nos a uma situação de necessidade dos outros, que não tínhamos previsto, que não estamos preparados. Ninguém pode prever muito quando chega uma doença, e quando esta coloca um irmão em um estado de dependência da ajuda dos outros. Isto vale também para os hóspedes, incluindo aqueles que são anunciados e conhecemos; nós realmente não sabemos, de antemão, aquilo que podem precisar neste momento de suas vidas; mas estes dois exemplos de necessidades, resumem todos os outros, e cada ser humano que Deus

coloca em nosso caminho, é um peregrino doente e ferido que necessitará sempre de amor. E nós mesmos somos este peregrino, para todos os outros que nos encontram ao longo de seus caminhos, a começar pelos membros da nossa comunidade. E este peregrino ferido, sedento de amor, que depende do nosso amor para viver e ser feliz, é Jesus, é sempre Cristo, é somente Cristo, Ele que é "tudo em todos" (Col 3,11).

Todavia, há uma dimensão daquele encontro com próximo, que é o peregrino ferido, o qual não pensamos muito, sobretudo nas situações concretas, onde acontece: é a dimensão que definirei "eucarística", no sentido literal do termo: a dimensão da ação de graças, da gratidão. Nós, pelo menos eu, normalmente, quando pensamos na presença de Cristo no próximo necessitado, é como se colocássemos perfume no esterco. Usamos essa idéia para "perfumar" o encontro, para embelezar o serviço que nos pede, a caridade que nos sentimos no dever de exercer. É um esforço da imaginação, que, no entanto, não é tão fácil e duradouro, para tentar ignorar os aspéctos duros da situação.

Bem, não: não é isto que nos faz tornar, verdadeiramente, o próximo do outro, do pobre, em Cristo. Não é suficiente somente a devoção para reconhecer Jesus no outro, no enfermo, estrangeiro, peregrino, irmão ferido. Uma devoção, uma inspiração piedosa, não pode ser mais forte e mais poderosa daquilo que no outro pode repugnar, ou pelo menos cansar. Não serão, sobretudo, mais fortes que nosso egoísmo, o nosso desejo interesseiro, de lucro pessoal, por aquilo que fazemos para o outro.

Ora, de fato, Jesus não disse: "todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos, é como se tivesse feito para mim", mas diz, "foi a mim mesmo que o fizestes" (Mt 25,40).

Somente se, para nós, Jesus estiver verdadeiramente presente no outro, a caridade será possível, mesmo se os sentimentos de nosso coração permanecem, muitas vezes, incapazes de sentir, pelo outro, uma verdadeira afeição, um amor realmente gratuito.

E, como o reconhecimento de Jesus no próximo, torna-se para nós fonte e força de caridade para com ele? Provocando-nos a ação de graças. Se reconhecemos no outro, uma presença real de Cristo, a nossa verdadeira reação deveria ser, antes de tudo, gratidão.

Por certo, Jesus Cristo não se faz presente no próximo em dificuldade, só para exigir nosso serviço e nosso amor: o faz especialmente para nos amar, doar-se a nós. A presença de Cristo é sempre um dom gratuito, que não merecemos nunca. O acolhimento do pobre torna-se acolhimento do dom de Cristo, coincide, até mesmo, com o acolhimento de Cristo. Cristo se doa a nós através do irmão, que nos pede nosso dom, nosso serviço, a perda de nossas vidas.

Disto não pode que nascer ação de graças. E aqui conjugam os dois sentidos, o sentido literal e o sentido sacramental da Eucaristia: ação de graças e presença real de Cristo. São Bento é ciente disto, e nos ensina a viver na ação de graças a caridade e o serviço ao próximo. Quanto mais o próximo é necessitado, mais Cristo está presente nele, e isto deve nos encher de gratidão.

A Regra nos ensina assim a acolher a necessidade do outro como um dom.

